



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN

FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

DUÊNIA MITT LYRA DE SOUSA

**A PRESENÇA DO SEBASTIANISMO EM “O CAVAQUINHO”, DE MIGUEL
TORGA**

Mossoró
2021

DUÊNIA MITT LYRA DE SOUSA

A PRESENÇA DO SEBASTIANISMO EM O CAVAQUINHO, DE MIGUEL TORGA

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva

Mossoró
2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

L992p Lyra de Sousa, Duênia Mitt
A PRESENÇA DO SEBASTIANISMO EM O CAVAQUINHO,
DE MIGUEL TORGA. / Duênia Mitt Lyra de Sousa. - Mossoró,
2021.

46p.

Orientador (a): Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua
Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte.

1. Miguel Torga. Sebastianismo. Messianismo. I. Medeiros
da Silva, Marcos Vinícius. II. Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte. III. Título.

DUÊNIA MITT LYRA DE SOUSA

A PRESENÇA DO SEBASTIANISMO EM O CAVAQUINHO, DE MIGUEL TORGA

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva - UERN
Orientador (a)

Prof.^a Dr. Josefa Francisca Henrique Jesus - UERN
Examinador (a)

Prof.^a Dr. Ângela Claudia Rezende do Nascimento Rebouças - UERN
Examinador (a)

AGRADECIMENTO

O desenvolvimento deste trabalho contou com a ajuda de inúmeras pessoas, pelas quais tenho eterna gratidão, que me acompanharam nesta longa e árdua jornada.

Agradeço, primeiramente, a Deus por me conceder a oportunidade de cursar uma graduação, por guiar meus passos a mais uma vitória e me dá forças para persistir todos os dias.

À minha família, que foi essencial durante esses quatro anos e fizeram-se presente, dando-me apoio e incentivo para prosseguir.

Às minhas amigas da graduação, que se tornaram grandes irmãs, Bonieria Medelleve, Maria Beatriz e Roseane Nascimento, as quais auxiliaram-me em toda a graduação, meu eterno sentimento de gratidão. Obrigada por tudo e por tanto, minhas amadas!

Ao meu orientador, Professor Marcos Vinícius, por proporcionar-me tantos ensinamentos durante meu percurso na graduação, desde algumas disciplinas ministradas por ele até a orientação tão bem realizada para a construção dessa pesquisa.

Às queridas professoras que aceitaram de bom grado compor a banca examinadora, com suas significativas contribuições e por fazerem-se presente neste momento tão especial e enriquecedor.

E, por fim, a todos que compõem o corpo docente da instituição. Ao Departamento de Letras Vernáculas e aos funcionários da biblioteca, que desempenham um papel essencial na realização do trabalho de conclusão de curso, assim como em toda a graduação. Obrigada!

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste em analisar a presença do Sebastianismo no conto *O cavaquinho*, presente na obra *Contos da montanha*, de Miguel Torga. Assim, pretendemos observar elementos presentes no conto que possam confirmar a presença desse mito na narrativa torguiana. Nesse sentido, o mito do Sebastianismo, que surge a partir do desaparecimento do Rei Dom Sebastião, na Batalha de Alcácer-Quibir em 1578, traduz-se como um tipo messiânico, o qual credita a um salvador o papel de restauração e prosperidade. Essa investigação discutiu acerca de como surge esse mito, perpassando pelas definições dos movimentos sebastianistas e messiânicos em várias obras e autores de épocas distintas, apresentadas em Portugal e no Brasil, evidenciando a esperança, desejos e anseios do povo português, com fortes traços do cristianismo e fazendo críticas as injustiças sócias presentes na época. Desse modo, esse estudo tem como base metodológica os conceitos de Besselar (1987), Iglesias (1971), dentre outros autores. Após diversas leituras e pesquisas, verificou-se que o mito sebástico percorre todo o conto, apresentando os sinais do sebastianismo, evidenciando esperanças, e desejos de dias melhores para aqueles que o buscam, para um povo que almeja, incansavelmente, a glória de sua pátria.

Palavras-chaves: Miguel Torga. Sebastianismo. Messianismo.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the presence of Sebastianism in the short story *O cavaquinho*, present in the work *Contos da montanha*, by Miguel Torga. Thus, it is intended to observe elements present in the tale that can confirm the presence of this myth in the Torguian's narrative. In this sense, the myth of Sebastianism, which arises from the disappearance of King Dom Sebastião at Batalha de Alcácer-Quibir in 1578, translates as a messianic type that credits a savior with the role of restoration and prosperity. This investigation discussed how this myth arises, passing through the definitions of Sebastianism and Messianist movements in several works and authors from different times, presented in Portugal and Brazil, evidencing the hope, desires and desires of Portuguese village, with strong traces of Christianity and criticizing the social injustices present at the time. Thus, the work was carried out with a methodological basis of bibliographic nature, specifically focused on the concepts of: Besselar (1987), Iglesias (1971), among other authors. After the research it was possible to verify that the sebastianic myth runs through the entire tale, presenting the signs of Sebastianism, evidencing the hopes, and the role of prosperity in those who seek it, a village that tirelessly longs for the glory of its homeland.

Keywords: Miguel Torga. Sebastianism. Mesianism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2. A OBRA DE MIGUEL TORGA E SUA INSERÇÃO NO MODERNISMO PORTUGUÊS.....	12
2.1 O Sebastianismo e o Messianismo presentes em Portugal e no Brasil.....	18
2.2 O Sebastianismo em algumas obras da Literatura portuguesa.....	28
3.0 A PRESENÇA DO SEBASTIANISMO EM O CAVAQUINHO, DE MIGUEL TORGA.....	36
3.1 um presente de Natal.....	37
3.2 A presença da religiosidade cristã em <i>O cavaquinho</i>.....	39
3.3 O Sebastianismo em <i>O cavaquinho</i>.....	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

O autor português Adolfo Correia da Rocha, conhecido pelo pseudónimo Miguel Torga (1907), é considerado um dos mais importantes escritores portugueses do século XX. Apresenta-se como poeta, contista e pertence ao Presencismo, um movimento literário de ampla relevância que corresponde ao segundo momento do Modernismo em Portugal, o qual procurava como ideal uma literatura original, viva e espontânea.

Diante da inexistência de um posicionamento sociopolítico dentro do movimento presencista, Miguel Torga explorou um caminho mais próximo do que se denominou, na época, de Neorrealismo, um movimento estético e ideológico que procurava compreender o sentido da existência humana, diante das dificuldades do mundo.

Na perspectiva neorrealista, Torga encontrou o sentido humanista de sua arte, sobretudo naquilo que diz respeito ao sentimento telúrico, ao desespero humanista, e ao discurso sociológico. Nesse sentido, o conto *O cavaquinho*, inserido na obra *Contos da montanha* (1941), será nosso objeto de análise, a saber, naquilo que diz respeito as marcas da religiosidade presente na narrativa. Para tanto, faz-se necessário recorrer ao conceito histórico do Sebastianismo português, na obra *História de Portugal* (1977), para compreender como surge o mito sebástico na cultura portuguesa e como os desdobramentos desse mito impregnaram-se na arte lusitana.

Conforme Eliade (1971, p.20): “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”. Dessa forma, podemos interpretar o mito sob várias perspectivas, desde a religiosa até a filosófica por exemplo. O mito revela, portanto, sua atividade, sua sacralidade, abordado e interpretado através de uma ótica abundante e complementar. Nesse sentido, o mito do sebastianismo, que surge a partir do desaparecimento do Rei Dom Sebastião, na Batalha de Alcácer-Quibir em 1578, traduz-se como um tipo messiânico que credita a um salvador o papel de restauração e de prosperidade.

Na cultura portuguesa, esse mito tem ocupado, por muito tempo, o imaginário português, tanto assim que vários autores portugueses de épocas distintas como Pe. Antônio Vieira, Almeida Garrett, Fernando Pessoa, entre outros, prestaram

reverência a esse messianismo luso. Como tema recorrente no imaginário popular e na literatura portuguesa, fazia-se presente não apenas na poesia, mas também na ficção do século XX.

Para uma melhor compreensão do mito sebastianista, faz-se necessário a leitura do livro *História e ideologia* (1971), de Francisco Iglesias, e a obra *O Sebastianismo*, de José Besselaar (1987), para entender o conceito de messianismo, naquilo que o autor destaca como semelhante ao sebastianismo. Conforme o autor Van Dem Besselaar (1987, p.13): “o messianismo é classificado como uma cega fé das massas populares, em um líder político”. Isto é, a crença de um futuro retorno para cumprir as causas pendentes de um povo oprimido, que aguarda fielmente perante sua fé e esperanças, entrelaçadas a uma visão nitidamente religiosa.

Dessa forma, a principal finalidade desse estudo é apresentar características que comprovem, no conto de Torga, a presença do mito sebástico. No que diz respeito às motivações para a elaboração desse estudo, podemos afirmar que a apreciação por literatura portuguesa, desenvolvida durante as disciplinas cursadas na graduação e o interesse em contribuir com novos trabalhos acerca do tema em questão, são as principais motivações para essa pesquisa.

Já em relação a proposta de abordagem, deter-nos-emos aos elementos voltados para as teorias que abordam comprovações sobre do que foi proposto. Assim, o mito sebástico será apresentado em diversos discursos nos quais ganhou mais visibilidade em momentos de crise em Portugal.

No que concerne à metodologia do projeto, entendemos que a hermenêutica de Paul Ricoeur (1994), configura-se como método de análise para nosso trabalho, porque constitui-se na doutrina, ou ciência, cujo objetivo caracteriza-se na interpretação e compreensão de textos narrativos, a partir da ideia de que esses textos passam por processos de mimeses, proposto na obra *Tempo e narrativa* (1994), de Paul Ricoeur.

Já o método de pesquisa, volta-se para os estudos analíticos, através da realização da leitura exploratória, que tem por finalidade verificar a importância da obra para a pesquisa e é utilizada a revisão de materiais como livros, teses e dissertações, nos quais nos respaldam no tocante a temática abordada. Com isso, respaldando-nos nas teorias já mencionadas, focaremos em analisar a obra proposta.

A presente monografia apresenta-se estruturada em três capítulos, sendo o primeiro nossa introdução, com alguns nortes sobre nossa pesquisa e motivações para realização da mesma. No segundo capítulo, intitulado de “A obra de Miguel Torga e sua inserção no modernismo português”, realizamos um percurso histórico do poeta e ficcionista na literatura portuguesa e em seu acervo de obras, apresentando suas características no Humanismo, como também seu papel na revista *Presença*, além de trazermos algumas definições sobre como surgiu o mito sebástico na história de Portugal e os autores brasileiros que trouxeram esse misticismo, o qual influenciou os movimentos populares.

Já no terceiro capítulo, tratamos da análise do conto, intitulado de “A presença do sebastianismo em *O cavaquinho*, de Miguel Torga”, no qual expomos um breve resumo do conto, expondo acerca de toda religiosidade presente no mesmo, por fim, a explanação acerca do sebastianismo presente no conto retromencionado.

2 A OBRA DE MIGUEL TORGA E SUA INSERÇÃO NO MODERNISMO PORTUGUÊS

Adolfo Correia da Rocha nasceu em 12 de agosto 1907. Popular pelo pseudônimo de Miguel Torga, cujo sobrenome “Torga” faz alusão a uma planta de colorido vivo, designada como Torga ou urze, situada no norte de Portugal, a qual traz em suas raízes a força que retrata o poeta nas suas vivências durante sua juventude, situada na vila real de Martinho de Anta. Já o nome “Miguel” é um tipo de reverência ao clássico da literatura, o espanhol romancista Miguel de Cervantes.

Torga passou um ano no Brasil, na propriedade rural de seu tio, que logo percebeu que o trabalho na fazenda não era para seu sobrinho e prontificou-se a financiar os seus estudos, fazendo-o retornar para cidade natal, para cursar medicina. Torga encetou sua construção literária no começo da faculdade, com suas primeiras publicações de poemas intituladas *Ansiedade*. Em seguida, a obra *A Terceira Voz*, já utilizando seu pseudônimo Miguel Torga. O autor sempre preferiu abordar a realidade de sua nação portuguesa, realidade esta esquecida por seus líderes políticos.

O autor reflete em seus contos, romances e peças suas vivências através dos lugares os quais fez morada. Nesse sentido, no momento em que observamos uma obra, é possível identificar que os fatores internos são cruciais para compreendê-la melhor e isso é fator determinante para depreendermos os escritos de Torga. Miguel Torga amplia a terra primária, a abundante condição do estado de sacralidade, pelo programado do esplendor e da ciência do sentido catastrófico da vida. Moisés (2008, p. 367) explora o ser do poeta, com a busca desesperada de modificar em real, toda a afetividade em meio a uma soledade do homem.

O autor afirma que

[...]toda essa extensa e variada obra gira em torno da mesma ideia motivadora: Miguel Torga é sempre o mesmo homem de pés fincados na terra transmontana, porque nela espera encontrar a explicação para a condição humana, imediatamente transformada em sua mente num problema teológico-existencial, armado ao redor de indagações-chave, do gênero “quem somos? “. Do jogo paradoxal em que se envolvem as perguntas, nasce-lhe a revolta, indignada e violenta algumas vezes, serena e branda outras, mas orientada contra tudo quanto constitui a “circunstância” na qual está mergulhado, e logo transfigurada numa ira titânica contra Elementos de Deus, cujo poder não consegue compreender, aceitar ou abater (MOISES, 2008, p. 367)

O autor expõe um Portugal campestre, que ainda utiliza sentimentos importantes como a renúncia, o compadecimento e a compaixão. As personagens na obra atermam-se a viver suas eras em um ambiente de dificuldades, porém excepcionalmente grande em riquezas humanas e naturais. As histórias são uniformemente desenvolvidas e procedem com naturalidade.

A obra na qual encontra-se nosso objeto de análise, intitulada de *Contos da montanha* (1941), é uma das mais emblemáticas produções do autor. Chegou a ser apreendida pela política regente da época, a qual sempre foi mal vista pelo autor, por não concordar com o regime ditatorial português. O autor narra todas os momentos vivenciados de um povo simples e humanista, situado no interior rural, conforme, descreve no prefácio da obra:

[...] é que muita água correu sob a ponte desde que se ausentaram. Quatro décadas de opressão desfiguraram completamente a paisagem do país. A humana e a outra. Velhos desamparados, adultos desiludidos, jovens revoltados - num palco de desolação. Almas amarfanhadas e terras em pousio. Que alento poderá receber dum ambiente assim uma esperança de torna-viagem. (TORGA,1941, p. 4)

A estadia no cárcere não o fez omitir a opressão que passou, fazendo relato em seus contos, uma certa melancolia e revolta em meio à crise política da época. Apresentava os fortes traços do regionalismo e expunha, precisamente, o comportamento e emoção da população das aldeias que viviam no interior de Portugal, que emigraram para o Brasil por falta de liberdade e por melhorias em relação às condições socioeconômicas. Torga, desde o início da sua produção literária, optava por um conceito mais individual e confessional que já era notória, ainda quando participava da revista *Presença*, atuando como um dos colaboradores pertencentes ao primeiro grupo, com o poema intitulado *Altitudes*.

Já em 1930, ocorreu uma ruptura definitiva com a revista, por questões de incompatibilidades estéticas e motivos de liberdade humana, atribuindo-se a um posicionamento autônomo, trilhando um caminho de amplo prestígio para as letras lusitanas. As obras torguianas transpõe sua resistência contra as arbitrariedades e inconformismos perante as exorbitâncias do poder.

Para Moisés (2001, p.239), o modernismo: “corresponde a um momento em que as consciências se elevam para planos de universal indagação, para uma verificação de uma angústia geral”. Posto isso, ao incorporar-se ao movimento, há

uma interrupção com o progresso simbolista, mesmo que dele, conforme Moisés (2001, p.239), ele seja, de certo modo, admirador.

O movimento presencista marcou a segunda fase do modernismo português, o qual procurava uma literatura e uma arte que estivessem desligadas de qualquer posicionamento religioso e político, autodenominado de Psicologismo de presença. Segundo Lopes (2001, p.1012): “o psicologismo resulta em um filão de literatura”, isto é, uma imaginativa concepção psicológica, uma afeição adolescente e retrograda e, sobretudo, com um foco de confissão introspectiva, em meio a uma maré de instáveis políticas. Dedicou-se aos contos, indagando a subsistência humana.

Moisés (1975, p. 24), aponta acerca do conto, no movimento presencista português, que

[...] distribui-se em dois grupos fundamentais: o citadino e o rural. Num caso e noutro estão patentes as marcas doutrinárias da Presença — psicologismo, introspecção, poeticidade —, não de modo compacto, mas numa gradação matizada, conforme a ação transcorra em ambiente campesino ou urbano, ou conforme a situação dramática focalizada. Geralmente, o grupo presencista funda-se na realidade observada ou experimentada; nota-se, porém, a tendência para emprestar às cenas bucólicas uma tonalidade mais realista, como se verifica em Miguel Torga.

O conto presencista, por conseguinte, ainda que fracionado entre os espaços urbanos e rurais, continha uma introspecção. Torga enfrentou sérios problemas com o Estado Novo em Portugal, que finalizou o liberalismo e deu início a um novo, chamado Salazarismo, fazendo referência a Antônio de Oliveira Salazar, o qual manteve-se líder e instituidor até 1968, tipificando um comando discursivo de uma ação anticomunista, uma repreensão, com uma rígida ferramenta de censura e formas de torturas, parecidos aos que foram usados pelo nazismo. O sentimento telúrico, representado nos animais e homens, situa-se numa forte simbologia religiosa, dramática e com traços humanistas, que discorrem com a transcendência.

Com isso, Moisés (1975, p. 240-241) explica que

[...] Humanismo e telurismo constituem [...] as molas mestras da cosmovisão de Miguel Torga. Pelo segundo, o escritor parece confirmar o seu histórico afastamento do grupo presencista: a geração da Presença [...] foi urbana por excelência, ao menos na medida em que o seu psicologismo supunha conflitos inerentes a indivíduos cultos e “civilizados”. Pelo humanismo, sobretudo quando tingido de coloração política, e pelo telurismo, Torga preludia a corrente neo-realista. Torga distingue-se, porém, dos neo-realistas e dos adeptos do Presencismo por uma constante trágica: em seus

contos predomina o clima de tragédia, no sentido mais ortodoxo do termo, ou seja, a inexorabilidade dos destinos, fatalidade e sujeição a uma Vontade inacessível e soberana.

A obra do autor é capaz de ligar o aspecto psicológico à exposição, sentido transmontana, transcendendo o conhecimento regional como unicamente descritiva do cenário local. O telurismo e o regionalismo de Torga, logo, não se desassociam da feição humanista, procurando compreender também as aflições de qualquer ser humano, mantendo-se sempre vigilante frente às dificuldades da vida agrária e adversidades climatológica da sua localidade.

Já o humanismo encontra-se presente na incessante reflexão de procura de sentido para a realidade a que são adstritas suas personagens. O humanismo sinalizado na obra de Miguel Torga é manifestado por um conceito de indivíduo carregado de experiências que, em meio a adversidades, carrega vivências e lições, transportador de emoções e desalento humanista. Torga apresenta a realidade difícil e poética, por vezes com tom de sarcasmo e ironia, sobre uma abundância de ensinamentos.

Miguel Torga, mesmo separado das equipes literárias, não se apresentava imparcial ao futuro da sua nação e seus conterrâneos, sempre enfocava a imagem carregada de seu povo transmontano, compenetrado no psicológico de suas personagens, evidenciando a sociedade a qual era imposta.

Os bons feitos, intenções solidárias e afetos bons, discorriam, em maior tom, em algumas obras presentes no neorrealismo do que o controle do poder de fabulação, fato que convertia a uma algema a ser quebrada pelos autores em maior intrepidez e inovação. Extrapolar tantas fronteiras equivalia pôr o texto literário para adiante de uma propensão, fornecendo para ele os meios de permanência.

Podemos determinar compatibilidades da obra do Miguel Torga com a literatura local brasileira, seguindo o viés da linha campesina e urbana, que, conforme Coutinho (1997, p.264),

[...] em ambas, a preocupação dominante é o homem: de um lado, o homem em relação com o quadro em que se situa, a terra o meio: é a corrente regionalista, ou regional na qual, em sua maioria, o homem é visto em conflito ou tragado pela terra e seus elementos, uma terra hostil e violenta, superior às suas forças.

Manifestando-se na ideia de enclausurar a existência humana exclusivamente no homem, na sua casualidade e aventura cósmica, ainda que essa intenção não

veja o espírito em sua totalidade do poeta, o autor Torga mostra-se indefinido ao completo, ao sagrado, e ao milagroso. Esperança e desesperança configuram o conflito íntimo que se desenvolve no interno do poeta.

A criação torquiana encontra-se no vasto processo de modificação da arte realista e empenhada do ocidente e no Barroco até meados do século XX. Esta concebe, certamente, uma das suas extensas vertentes individuais, indicando, ao mesmo tempo, o egresso em associação ao subjetivismo mais puro dos presencistas e a saída ao reatoríssimo. Expõe, ainda, o distanciamento com o comprometimento social dos neorealistas. Observada do campo paralelo, a arte de Miguel Torga pode ser unicamente vista, como uma suplantação de um velho conflito de interesses ou opiniões controversas, entre uma arte frutífera e uma arte dispensável, com meios a uma interpretação extensiva, reconhecida na expressão individual e necessária na performance dos temas e convergências do corpo social.

Já no plano cultural, a vinculação de identidade é reconhecida por Miguel Torga por meio da linguagem ou ainda de maneira mais abrangente, o autor procurara apresentar a história literária portuguesa, considerando-se como beneficiário e precursor de uma memória em que se combina a escrita o pensamento e a arte. Nesse sentido, apresentam-se Camões e Fernão Pinto como eleitos, dando destaque ao diálogo com autores destes períodos que explanam, de forma distinta, mas que contribuem com as diferenças do crescimento da nossa expansão.

O autor Miguel Torga está a remeter-se, de alguma forma, aos alicerces dos portugueses, explicando esse amplo tema de toda a escrita no português para nele comentar de forma direta e transformadora. De modo constante e acentuado, as manifestações de ampla consideração por pintores, músicos, cineastas, são menos evidenciadas por serem mais escassas, principalmente as que se referem a escritores portugueses atuais.

A tônica que mais afeta na obra do escritor é diretamente a perseverança no desempenho de um mesmo programa, de alguns aspectos que, ao longo de um caminho, torna-se difícil reconhecer a vivência de fases precisamente ditas. Mas do que modificações de principal estética e cívica, o que existe em um aperfeiçoamento de estilo, cada vez mais definido pela expressão lapidar e incisiva, tanto no verso como na prosa, a obra de Torga pode ser definida como uma verdadeira aventura de compreensão e conhecimento, a essência de luz e de fogo evidenciam um papel

crucial em toda escrita do autor, sistemática e orientada, em que a perseverança da luta em oposição a ignorância, o sofrimento, a indiferença e a busca incansável da verdade possível.

Conforme evidencia Moisés (1975, p.42)

[...], todavia, com fazê-lo parecia levar às últimas consequências a trilogia da liberdade, originalidade e espontaneidade, preconizada ardentemente por José Régio e seus companheiros de geração. Por outro lado, o telurismo de Miguel Torga peludia a estética neo-realista, mas sem conotação política. Ainda importa assinalar a onda de tragicidade que inunda os contos: a morte, as situações ensombradas pela fatalidade, ou pela desgraça irremissível, a ausência de manifestações sentimentais, de forma que as personagens se reduzem à sua condição elementar, — são a tônica dos contos de Miguel Torga. Não obstante, uma comoção profunda atravessa-os, uma comoção represada, expressa em pinceladas nervosas, que se acumulam pontilhistamente, motivando um lirismo superior, despido de pieguices, que se diria oriundo das entranhas do ser humano.

Com isso, entendemos que, para além de um revestimento retórico, sua autobiografia declara o caráter de uma verdadeira escolha doutrinária, atuando como desejo e proteção de genuinidade, como se só fosse notada como autêntica a obra em apreço, conseguindo agregar capacidades persuasivas, estabelecendo a admiração e empatia dos leitores.

É possível conduzir uma poética de delineamentos bem definidos, reconhecida da verdade e não do fingimento, da serventia e não da saída, ao mesmo tempo que indicam para uma ideia do escritor diligente e não do renunciante, mostrando-se esperançoso e positivo. Em um outro plano, estes juízos expõem ainda um estabelecimento de posição no meio do respectivo preceito literário português, em uma forma de tentar apresentar caminhos por entre “espécies” já situadas, evidenciando apreços e distâncias.

Torga apresenta-se de uma forma metódica ao leitor, como filho da terra reverso de modo que venha a descrever uma personalidade mais profunda que consolida a respectiva ideia de nação em que faz menção a si próprio e das condições que lhe calhou vivenciar. Conforme o escritor, o mesmo dá atribuições de não se ausentar do alicerce da verdade, que se tem como apoio e modelo. Para Torga, não existe uma alternativa ou caminho para a afirmativa artística, neste cabe um acordo indissolúvel em meio ao homem e a obra, apresentando o humanismo como o centro desse percurso.

Moisés (1975, p.55), infere que

[...]um humanismo caloroso, evidente na lacônica referência à Natureza e aos cenários, a tal ponto que a ideia, a despeito de constituir-se em personagem, ser apenas mencionada. Se a função da obra literária é mostrar-nos seres fictícios à nossa imagem e semelhança, para que possamos desfrutar por momentos do seu convívio, os contos montanhezes de Miguel Torga cumprem-na de modo incomum nos últimos cinquenta anos de Literatura Portuguesa.

Evidencia-se na obra do autor a constituição das descrições de uma filosofia moral que se apresenta no humanismo, como se comportavam, como viviam, colocando sempre o homem como personagem principal, buscando respostas para os fenômenos do mundo e a valorização da mulher, abordando a natureza como centro de paz. Nessas perspectivas e retornos, é possível observar uma vertente épica, referida a um audaz herói que procura cultuar e estimar sua terra e não se ver conformado com tais limites da terra, atuando nas provas do excursionista, a relação com que sucedia com os heróis-aventureiros. Desse modo, o regresso constitui, do mesmo modo, uma compensação e uma validação do tributo a terra.

Tendo este assunto como ponto, o autor nos leva a uma leitura mais leve e acessível. Porém, é interessante destacar que o leitor constrói um olhar em relação a literatura ausentando-se de uma temática mais extensa e cansativa, a qual opta por opor-se a realidade do transcendente que lhe aflige a razão. É o distanciamento de um Deus humano e inerente, próximo e revelado, que estorva o poeta. À vista disso, o afeto a terra que, particularmente ou coletivamente, determina o sujeito por outro a insatisfação, contra os limites terrenos, as falhas humanas ou a respectiva morte.

2.1 O Sebastianismo e o Messianismo presentes em Portugal e no Brasil

O Sebastianismo transitou em vários discursos por vários autores e séculos, ocasionando alterações sobre seu significado nos diferentes períodos históricos. Desse modo, o Sebastianismo foi uma doutrinação mística, situada em Portugal no século XVI, logo após o desaparecimento do Dom Sebastião, durante a batalha de Alcácer Quibir, no norte da África em 4 de agosto 1578, a qual tornou-se memorável para a história, bem como acarretou a origem de um mito ponderoso para a sociedade portuguesa. O desaparecimento de Dom Sebastião ocasionou um

declínio político, uma vez que o rei não possuía herdeiros para dar sucessão a administração do reino.

Segundo Oliveira (1977, p.230)

[...] os que puderam escapar não viram o rei imberbe não viram cair nem morrer: ficou obscuramente enterrado nas ruínas de sua loucura. Quando a nova desastre chega a Lisboa, a cidade entrou em si, tomada de contrição e espanto. As mulheres saíam pelas ruas, desgrenhadas a pedir misericórdia, chamando pelos pais, pelos maridos, pelos filhos, cativos dos mouros! O que ainda havia de homens em Portugal perdera-se em África: e a prova era que o reino ia parar as mãos do Cardeal D. Henrique, tio do rei infeliz o clérigo tímido já caduco, incapaz de nenhum ato viril.

Entende-se que o mito de D. Sebastião se manifestou a partir do desaparecimento e das preferências políticas que rodeavam o império do rei, o qual possuía como propósito investir na política no Norte da África. A população de Portugal depositou suas expectativas na execução de grandes conquistas para a comunidade portuguesa, no decorrer da batalha contra os mouros. Deste modo, D. Sebastião deu início a novas melhorias a favor do reinado, ao assumir a regência do governo. As ordens militares impostas tornaram-se motivos priorizados pelo rei, em virtude de seus interesses. No decurso de seu reinado em 1571, D. Sebastião já deixava nítido sua vontade de guerrear com os mouros.

Conforme nos aponta Oliveira (1977, p.228)

[...] e chegada a África, debateu-se, no conselho um plano de campanha, os capitães experimentados e prudentes propunham que se não abandonasse a costa, cooperando com a esquadra e tendo, como apoio as praças portuguesas de Tanger - e de Arzila, que já no tempo de D. Sebastião voltara a ser cristã. O rei opôs-se terminantemente a um tal plano: queria interna-se em Marrocos, vencer o inimigo em sua casa e, numa carreira fulminante, e a fez coroar-se imperador. A temeridade era tão grande, que pela cabeça de alguns passou a ideia de o prender.

Quando começou a batalha em Marrocos entre os dois grupos, um previsto contra-ataque planejado por Dom Sebastião e seu respectivo exército foi cultivado, um extremo pavor e muita desorganização no ato, D. Sebastião acabou virando fácil alvo para os mouros. Ao invés de chefiar a batalha, o rei ocupou o papel de soldado, provocando um extenso fracasso. Logo após a ocorrência, o reino de Portugal foi ficando vulnerável socioeconomicamente pelos gastos que teve para resgatar os presos e feridos. Nesta mesma época, Portugal estava com vasta devoção religiosa, fato que instigou a manifestação do sebastianismo em Portugal. Uma esperança

muito recorrente dos portugueses na regressão do Rei D. Sebastião, o monarca tão desejado, ampliando a consolidação do mito rapidamente em Portugal.

A composição do mito sebástico percorreu vários séculos e alicerçou em Portugal períodos de crise política e social. Oliveira (1977, p.342), afirma que

A dureza das infelicidades da pátria levava os espíritos ao estado de uma loucura febril, de uma superstição idiota, de um furor de devassidão, de medo e de extravagância. Tudo se acreditava possível, com o desvairamento do delírio. Como outrora, nas vésperas do ano mil, todos queriam gozar à farta o pouco tempo que o mundo tinha a durar. Portugal era uma nação de loucos perdidos, e no moço rei encarnara toda a loucura do povo.

A transmutação da morte do Rei Dom Sebastião em mito, encontra-se profundamente ligada ao período histórico vivido em Portugal. Não foi uma ocorrência isolada, porém uma condição de sentimento coletivo que foi conduzido para a figura de D. Sebastião. Sua singularidade acerca do tipo de educação que obteve e respectiva concepção intelectual e física, seus conselheiros que o circundavam, tudo gerou a constituição do sebastianismo. Antes da fase das descobertas e navegações, o reino português desenvolveu a crença que o povoado era o povo nomeado e escolhido.

Consoante Besselaar (1987, p.82),

No reinado de D. João I deu-se a tomada de Ceuta, a primeira fortaleza conquistada aos infiéis fora do continente europeu. Neste clima de euforia nacional nasceu a lenda de que Cristo teria aparecido a D. Afonso Henriques no campo de Ourique, lenda que ilustra o lugar privilegiado de Portugal entre todas as nações cristãs e que, mais tarde, ampliada com elementos nitidamente messianistas, acabou por constituir um dogma fundamental do credo lusitano. À conquista de Ceuta se seguiram as espantosas viagens marítimas, que, no fim do século XV, foram coroadas com o descobrimento do caminho marítimo para a Índia e do Brasil, e com a construção de um grande Império colonial no Oriente e no Ocidente (...). A este período de 'ufanismo' pôs termo a zaventura de D. Sebastião, que teve por consequência a perda da independência. Mas a humilhação não tardou a reavivar o messianismo do povo português, que não queria abandonar o seu antigo sonho (...). Deu-se o milagre da Restauração em 1640, que a muitos parecia iniciar a era das grandes felicidades. Mas, passados alguns anos, a recuperação da autonomia nacional deu provas de não ser o início do Império Mundial: Portugal perdera uma grande parte das suas colônias, e teve de contentar-se com um papel muito modesto na cena política europeia.

O sebastianismo português também pode ser definido como um messianismo que acredita na crença de uma salvação coletiva, um enviado dos céus, que viria

restituir a comunidade tomada pelo desespero, alguém que levara Portugal ao triunfo, aguardando o regresso para grandeza da pátria, anseio esse, o qual se encontrasse evidenciado no presente, com o retorno de um salvador da nação.

A expressão “Messias”, segundo o dicionário online, significa: “O judaísmo, o descendente humano do rei Davi, capaz de restaurar Israel e o reino de Davi”, com origem bíblica, a esperança messiânica.

A comunidade portuguesa padecia com a discrepância entre o ideal de reino com D. Sebastião e a realidade frustrada desde o século XVII. A história portuguesa se funda de imensas esperanças severamente desapontadas desde 1578. Oliveira (1977 p. 218) relata que Portugal sumiu e, posteriormente: “[...] o que ressurgiu em 1640 seria nada mais que mero arranjo político”.

A esperança de Portugal sempre se fez presente em retornar a engelhada glória, com a população percussora e eleita, porém estavam sempre em estado impotente em meio a desilusões, marcando o século XIX como o mais calamitoso para Portugal. A monarquia estava passando por uma crise, sofrendo com as coações republicanas inovadoras. As esperanças descendiam a todo momento na imagem do Rei Menino, o encoberto.

Conforme evidencia Iglesias (1971, p.278),

A força dos cristãos velhos ou novos, que se espalhavam pela península, com suas fantasias sublimadoras do clima tenso em que viviam, é exercida sobre o homem simples, aberto as ficções. Encobrendo sua identidade, andava pelos lugares, visitava os lugares santos, ou vivia numa ilha misteriosa, é o anúncio do encoberto – esperança de futuro melhor pelo surgimento de algum salvador – que pode ser D. Sebastião ou outro, em encarnações diferentes. Frei Pedro de Frias, Bandarra e tantos mais, videntes ou alucinados povoam a história ibérica, em terras de Espanha e Portugal.

Após a restauração de 1640, profecias que ainda circundavam em Portugal de um grandioso império mundial o qual seria oferecido ao rei, na figura do Encoberto, figura que estava caracterizada em Dom Sebastião.

Iglesias (1971, p.280), no poema intitulado *Monarquia Lusitana*, explica que: “Assim como o profeta Elias, o apóstolo João e D. Sebastião receberia uma missão de Deus, que lhe concedeu permanecer vivendo”. O rei estaria habitando uma ilha sombria, cercada por nevoeiros e ondas, esta figura, da “Ilha Encoberta” é rotineira entre os sebastianistas, havendo histórias de possíveis encontros com o D. Sebastião, em meio a enormes nevoeiros. Em um desses encontros, o mesmo

insistia para que os navegadores o transportassem de volta a Alcácer Quibir, apresentando uma angustia ao retornar ao cenário de sua morte. Nesse sentido, os portugueses identificavam a “Ilha do Encoberto” como uma das Ilhas Afortunadas, já narrada em lendas pelos antigos.

O mito sebástico também se faz presente em vários discursos e em registros de escritores portugueses, como Camões, o qual dedicou alguns poemas a D. Sebastião. O primeiro, intitulado de *Dom Sebastião*, encontra-se na obra *História e Ideologia* (1971) e os demais, que veremos adiante, encontram-se na obra *Mensagem* (1934) do autor Fernando Pessoa. Leiamos o poema a seguir:

Dom Sebastião

Louco sim, porque quis grandeza
Qual a sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso, onde o areal está
Ficou o meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?
(IGLESIAS,1971, p.287)

O autor Francisco Iglesias, foi influenciador do mito da quinta monarquia, realizado por Fernando Pessoa, as trovas foram entendidas como previsões ao retorno do esperado. O poema fala sobre o Rei D. Sebastião, logo após o seu sumiço no Norte da África. As pessoas de Portugal aguardavam sua volta para restaurar a pátria da falta de progresso vivida na época, tinham esperanças já que este rei foi muito estimado desde o seu nascimento, em decorrência das inúmeras doenças de seu pai, e velhice de seu avô, ficava no imaginário popular a possibilidade de perda do trono e, conseqüentemente, o rei da Espanha iria assumi-lo.

É uma poesia de caráter épico, exaltando o herói que perpassa nessa obra, a evocação dos riscos e tragédias bem como o assunto histórico apresentado. De

início, evidencia a criação de Portugal. O título apresenta um momento crucial na nação, fazendo Sebastião colocar-se em um papel significativo, na decisão de ir desbravar novas terras e conquistas. Na primeira estrofe, o eu lírico revela, a base da loucura, orgulhando-se em decorrência dessa loucura, a morte na batalha de Alcácer Quibir. O poeta lança um desafio ao destino encontrado, apelando a loucura e a força da ação.

Nos últimos dois versos, o autor menciona um homem divino e ao mesmo tempo humano, uma vez que o primeiro envelhece com o passar dos anos, o divino transcende por séculos e cenários distintos, impulsionando a história. Sem a loucura do Rei, como seria verdadeiramente ele, a loucura que tanto o habita encontrava-se intrínseco em seu ser, o sujeito poético, lançando ainda um repto aos destinatários, apelando a loucura e a valorização do sonho, sendo a loucura a força da ação.

Já o segundo poema, remete-nos ao rei de Portugal e mostra quando Dom Sebastião desapareceu:

Primeiro: Dom Sebastião

Esperai! Caí no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É o que eu me sonhei que eterno dura.
É esse que regressarei.

(PESSOA,1934, p.75)

O poema nos encaminha para o rei de Portugal, Dom Sebastião, que faleceu e seu corpo extingue-se nas areias do norte da África em Alcácer Quibir, em meio a suas preces a Deus, pedia que sua alma vieste a descansar sobre a graça do pai celestial.

A segunda estrofe complementa a crença do desejado. Dom Sebastião, que retornaria para restaurar o mundo, evidencia o messianismo em todo o poema, a crença na volta daquele que tem o mítico em volta e os poderes que trará a paz e

profusão na terra, emergindo uma era nova. Conforme Alexandre Luiz (2007, p.2), ao mencionar consorte (2007), explica que

Para Consorte, quer se trate de comunidades indígenas quer se trate da sociedade nacional, a mentalidade messiânica se apresenta com as mesmas características básicas, nas quais a crença na interferência do sobrenatural nas transformações a serem operadas no mundo ocupa uma posição central. É nas entranhas do cotidiano que se colocam os germes das transformações e da inversão de status e da situação precária em que se vive.

É nesse sentido que o messianismo pode ser compreendido em seu conceito como a crença de um escolhido e consagrado por Deus, que se apresenta com a inserção de uma paz e uma norma divina a partir de um ponto ou situação de caráter atrativo ou concludente, para o qual se move uma existência de objetivo ou alvo.

O messianismo no Brasil foi ajustado às situações históricas, regionais e culturais, apresentava uma insatisfação com a conjuntura da política existente da época, com uma possível esperança de salvação, por meio da ressurreição de um morto afamado. Na guerra de Canudos, o líder religioso Antônio Conselheiro usou um discurso sebastianista em suas pregações para a população. Segundo ele, Dom Sebastião iria emergir dos mortos para recompor a monarquia no Brasil, trazendo o recente governo republicano. O messianismo encontra-se envolvido na espera por grupos que almejam que a justiça seja feita, aqueles que escutam fielmente seus líderes religiosos, seus profetas e pregam de forma que acalmam suas dores através da fé.

Laplantine e Trindade (2003, p.70) inferem que: “a espera messiânica estaria envolvida com multidões exploradas, sedentas de absoluto de justiça social que se reúnem em torno de grandes profetas ou pequenos iluminados transformando seu desespero em esperança”. Antônio Conselheiro conheceu o mito sebástico através dos mitos que já circundavam a região nordeste e relacionou com sua história vivida, em que foram apresentados através do místico com os episódios da Santa da Pedra, da Pedra Bonita e de Antônio Conselheiro com algumas particularidades que evidenciam a doutrina do sebastianismo e que também se encontrava em Canudos suas características.

Laplantine e Trindade (2003, p. 79), aludem que

[...] Mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou a intenção com os quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação, ou seja, do real.

É observada a necessária mudança nas transformações sociais que permeiam a população desde o início da história a partir da colonização. Desse modo, a fé perpassada é a mudança que se aguarda, sendo passada através dos seus líderes que pregavam que haveriam mudanças, que alguém retornaria e os anseios seriam resolvidos através da devoção a um Messias.

Desde o princípio das explorações, com as descobertas de novas terras desconhecidas, desbravadas pelos portugueses, Portugal sempre se destacava e era conhecida como os exploradores que tinham o intuito de passar ensinamentos e civilizar a sociedade da época vigente.

De acordo com Cunha (1985, p.201), no que diz respeito ao messianismo,

A sua entrada nos povoados, seguido pela multidão contrita, em silêncio, alevantando imagens, cruzeiros e bandeiras do Divino, era solene e impressionadora. Paralisavam-se as ocupações normais. Ermava-se as oficinas e as culturas. A população convergia para a vila onde, em compensação, avultava o movimento das feiras; e durante alguns dias, eclipsando as autoridades locais, o penitente errante e humilde monopolizava o mando, fazia-se autoridade única.

É apresentado em algumas passagens em *Os Sertões (1902)*, obra de Euclides da Cunha, o retrato da sociedade nordestina, com seu pouco desenvolvimento em relação à distribuição de renda e ao combate às desigualdades sociais, implantadas pelos governantes que abandonaram essa população mais vulnerável socioeconomicamente. Esse retrato da figura nordestina é mostrado na região de Canudos, evidenciando a revolta da população em relação ao declínio da monarquia existente da época. Conforme veremos:

Sahiu D. Pedro segundo
 Para o reino de Lisboa
 Acabosse a monarquia
 O Brasil ficou atôa
 (CUNHA, 1985, p.250)

Compreende-se que o retorno de um possível salvador iria acalentar as almas aflitas e angustiadas de suas vidas de miséria, que clamavam por um enviado que faria grandes feitos em prol do desenvolvimento das minorias e restauraria a paz que tanto necessitavam os fiéis, sempre cheios de esperança, algo que nunca faltou na figura do nordestino. Já o líder religioso, Conselheiro, explana todas as profecias de inconformidade e o cenário de desordem, colocando-se como titular monarca e apontando uma insatisfação, enfatizada como uma lei do diabo ou do cão fazendo referência à política, como se nota nos versos:

D. Sebastião já chegou
E traz muito regimento
Acabando com o civil
e fazendo os casamentos

Visita vem fazer
Nosso Rei D. Sebastião
Coitado daquele pobre
Que estiver na lei de Cão!
(Cunha, 1985. p.50)

Desse modo, o profeta Antônio Conselheiro mostra-se como um apóstolo que transportava para seu grupo de seguidores o mito sebástico, como aquele que ditaria como proceder com as condutas certas, o desejado, um homem de caráter ímpar, aquele que ressuscitará a abundância e clamor dos populares, evidenciando que os povos que seguiam Conselheiro acreditavam que Dom Sebastião retornaria com toda sua cavalaria, com seus fiéis escudeiros como divindades.

As pessoas viam esse regresso de divindade e esperança através das pregações de Antônio conselheiro e acreditavam fielmente em suas palavras de fé e justiça. Ele defendia que homens de fé deveriam se impor em meio as injustiças sociais, que buscassem respostas para os problemas, com base nos ensinamentos bíblicos e os sertanejos familiarizavam-se com as mensagens e multidões o seguiam.

Conselheiro difundia que ele era um monarquista e não apoiava o governo republicano por não concordar com as leis que eram impostas por ser um governo laico e em seu discurso narrava o fim dos tempos, com seu público nordestino que

sempre o seguia fanaticamente. Quando a desordem surgisse e as guerras dos governantes não cessassem, o desejado Dom Sebastião retornaria com suas tropas como um bom pacificador.

Dom Sebastião sempre ressurgirá em meio às crises políticas, para barrar tamanhas injustiças que rodeiam a sociedade, o redentor do Nordeste Brasileiro, cuja população acreditava com tamanha religiosidade, pois só a presença do sobrenatural os fazia enxergar a salvação.

Outro episódio Sebastianista é o de Pedra Bonita, presente na obra *Os Sertões*, na qual um jovem chamado João Antônio dos santos propagava que Dom Sebastião se encontrava em meio as pedras, de forma encantada. Em suas profecias, pedia dinheiro aos seus seguidores e juntavam-se em grupos. Acampavam em frente as pedras, que tinham estaturas bem extensas, e aguardavam todos os dias um enviado surgir. Logo depois, o jovem João Antônio menciona que em uma visão viu D. Sebastião e o mesmo avisava que o sangue de seus seguidores, em especial o das crianças, seria utilizado para lavar as pedras e esse ato o faria retornar, constatando toda uma obstinação de fé, comprovando tamanhos atos de brutalidade que girava em meio a uma forte religiosidade, na busca daquele que é colocado como supremo e superior e seus seguidores deveriam cumprir tais sacrifício para o encantado ressurgir, o aclamado e tão desejado Dom Sebastião.

Como aponta Cunha (1985, p.201): “[...] um mameluco ou cafuz, um iluminado, ali congregou toda a população dos sítios vizinhos e, engripando-se à pedra, anunciava, convicto, o próximo advento do reino encantado do rei D. Sebastião”.

Assim, entendemos que o messianismo e o sebastianismo, de certo modo, andam de mãos dadas. Uma vez que os movimentos messiânicos na sociedade atual ainda atendem as angústias, carências, das vulneráveis classes socioeconomicamente subjugadas, entre as quais permeiam-se a busca eterna por salvação.

Destarte, mesmo que exista possibilidades de soluções não religiosas, como escolha de ajuda psicológica para as adversidades da vida, também haverá o profano e o sagrado para apoiar-se. As pessoas ainda buscam meios messiânicos

para se confortarem e para encontrarem a salvação que tanto procuram, seja por meio de rituais, mitos ou na própria religiosidade.

2.2 O Sebastianismo em algumas obras da Literatura portuguesa

O autor Fernando Pessoa trata o Sebastianismo como algo não poético, como um mito misterioso, uma fantasia assombrosa do espírito português. É um desencaminhamento da identidade social, uma ausência da autonomia e a reconstrução de princípios morais, vetustos da aristocracia. Destarte, o Sebastianismo é evidenciado em várias contestações e alcança maior visibilidade em períodos de crise política.

Conforme explica Iglesias (1971, p.282), na obra *História e ideologia*,

[...] reconhecendo que a literatura é fatalmente a expressão do estado social de um período político, acrescenta: “o valor dos criadores literários corresponde ao valor criador das épocas a que correspondem: de modo que a literatura não só traduz as ideias de sua época, mas – e é isto que importa que fizemos – o valor da literatura perante a história literária corresponde ao valor da época perante a história da civilização”. Sabe que este movimento poético se dá coincidentemente com um período de pobreza e deprimida vida social de mesquinha política de dificuldades e obstáculos de toda espécie a mais cotidiana paz individual e social e a mais rudimentar confiança ou segurança num, ou de um futuro”.

Mediante o exposto, o autor pontua que Pessoa expressava em seu livro *Mensagem* um vasto acervo constituído de grandes poemas, acerca de personagens ou temas portugueses, retratando a crise que se encontrava o governo de Portugal, o qual aguardava uma futura nação crescente lusitana, em meio a uma expectativa de futuro prospero que ansiava a pátria portuguesa, mostrando o messianismo e Sebastianismo, misticamente.

Ao demarcar a cultura de uma sociedade, o misticismo argumenta através do seu povo e expõe seus temores, ao interrogar a realidade e a concepção através da utilização do mito. Ao compreender o imaginário como metafórico, ocasiona-se a contingência do uso do mito como plano de entendimento simbólico, o qual condiz com os relatos da sociedade, apresentando a multiplicidade dos sentidos vigente na abertura da contemporaneidade.

Dessa forma, a obra *Mensagem*, posiciona-se como uma obra imprescindível para a percepção do progresso teórico, misterioso e complexo do autor Fernando

Pessoa. Esse texto nos encaminha para a assimilação da sua presença na realidade de mundo, na qual o autor apresenta sua visão acerca da história de Portugal, por uma interpretação inclusa sobre o heroísmo messiânico e tradicionalismo mítico, através de circunstâncias humanas em sua conquista universal, como explica Iglesias (1971, p.284): “[...] outro na base do messianismo e sebastianismo, culto de sua terra, como se lê no manuscrito quando começa a sentir a paisagem e o povo: o meu intenso sofrimento patriótico, o meu intenso desejo de melhorar o estado de Portugal”.

Pessoa sentia-se, por vezes, falho por não ter eficácia como sujeito patriota de seu país. Contudo, observava o cenário de seu povo e desejava provocar uma revolução, em volto em sentimento de melhorias para sua aclamada pátria, uma nação com excesso de esperanças grandiosas e caracterizada pelo seu espírito nacionalista sebastianista.

Fernando Pessoa fazia referência ao mito sebástico em seus poemas, fazendo comparações com outros políticos que surgirão após D. Sebastião. Com um olhar de cunho sebastianista, exaltava um ponto de vista sempre vivo dos posicionamentos políticos da época.

Conforme Iglesias (1971, p.253), ao abordar sobre os escritos de Fernando Pessoa, infere que

[...]Fernando Pessoa, escreveu o poema intitulado *A memória do presidente-Rei*, em 1920, que foi divulgado no Núcleo de Ação Nacional, o *Jornal Ação*, ao presidente Sidônio Paz em 1917, que atingiu o poder quando eleito em Portugal, anos depois do desaparecimento de D Sebastião. Seu entusiasmo por Sidônio Paz é romântico, sebastianista: Agora é o desejado, outro Sebastião, cuja volta se espera para remediar os males nacionais. (IGLESIAS, p.253)

Assim como D. Sebastião, que fez sua história em Portugal, Pessoa compara o presidente Sidônio Paz como grande nacionalista, o qual fez grandes revoluções em Portugal, mas que acabara morto com o caos das lutas partidárias. Figura típica de autoritarismo nacionalista, tornou-se a esperança de um bom governo para Portugal. Porém, com sua morte repentina, o país persiste com a esperança de um governo que o salve das crises políticas.

Entre os versos do poema, Pessoa homenageia Sidônio Paz, como veremos a seguir:

Governa o servo e o jogral.
 O que íamos a ser morreu.
 Não teve aurora a matinal
 Estrela do céu [...]

Vivemos só de recordar.
 Na nossa alma entristecida
 Há um som de reza a invocar
 A morta vida;

E um místico vislumbre chama
 O que, no plaino trespassado,
 Vive ainda em nós, longínqua chama —
 O desejado.

Sim, só há a esperança, como aquela
 - E quem sabe se a mesma? — Quando
 Se foi de Aviz a última estrela
 No campo infando.

Novo Alcácer-Kibir na noite!
 Novo castigo e mal do Fado!
 Por que pecado novo o açoite
 Assim é dado?
 (IGLESIAS,1971, p.253)

Pessoa apresenta, no poema, um cenário de inconsistência e de fragilidade que cercavam Portugal. Julgou necessário transportar a lembrança do povo português a imagem do D. Sebastião, que para o povo correspondia a representação do salvador da pátria. Assim como D. Sebastião foi um soldado rei, na batalha de Alcácer Quibir, o presidente Sidônio Paz conquistou a nação de Portugal em seu momentâneo percurso no governo. Homem de caráter, qualidade que representa o sebastianismo, era visto pelo povo português como um “soldado rei” que realizou seus feitos quando liderava o governo de Portugal, restando a tristeza com sua morte repentina, mas, deixando como marco, sua bravura e coragem. Foram essas particularidades que fizeram Pessoa homenageá-lo em seu poema. Ele apresenta Sidônio Paz como provável suporte de um supérmo mito e por isso resolveu caracterizar essa figura como um símbolo eterno.

Na obra *Mensagem* (1934), o autor discorre sobre o passado dos portugueses, projetando um destino esplêndido para a pátria. O escritor Fernando Pessoa produz um significado sebástico na história de Portugal em sua eterna procura por um patriotismo sumido, como notamos no poema a seguir:

Escrevo meu livro à beira-magua.
 Meu coração não tem que Ter.
 Tenho meus olhos quentes de água.

Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar
 Meus dias vácuos enche a doura
 Mas quando queres voltar?
 Quando é o Rei? Quando é a Hora?
 Quando virás a ser o Christo

De a quem morreu o falso Deus,
 E a despertar do mal que existo
 A Nova Terra e os Novos Céus?
 Quando virás, ó encoberto?

Sonho das eras português,
 Tornar-me mais que o sopro incerto
 De um grande anseio que Deus fez?
 Ah, quando queres, voltando,
 Fazer minha esperança amor?
 Da nevoa e da saudade quando?
 Quando, meu sonho e meu Senhor
 (PESSOA, 1934, p.85)

O poema acima traz uma nova significação a história da pátria portuguesa, em incumbência de um ressurgimento do passado heroico. A linguagem do profeta, após as indagações realizadas em relação ao retorno do Encoberto, identifica a coletividade da voz do povo.

O poeta inicia invocando um “Senhor”, que não recebeu um nome, ou cujo nome não se conhece, e o poeta, em lágrimas, narra as poucas condições que escreve, condição essa de desconforto e de dor que dilacera seu coração, aflição e desespero de encontrar unicamente no “Senhor” as esperanças de uma vida melhor. Em único e específico pensamento neste “Senhor”, a vida será contemplada com alegria.

O autor “sonha” com um salvador futuro, com a libertação do povo, do decaído governo que se encontra esperançoso em relação ao retorno D. Sebastião em meio ao nevoeiro, com a tarefa de reformular a história futura. Da mesma maneira que D. Sebastião torna-se o sujeito do sacrifício de Cristo, esse se transfigura em um símbolo mais sólido, como uma remissão universal.

Pessoa contribuiu com inúmeros poemas que cultuam ao mito sebástico com maestria. No poema intitulado *Nevoeiro*, o autor faz alusão ao estado e as constantes crises que o governo de Portugal enfrentava. Leiamos o poema:

NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
 Define com perfil e ser
 Este fulgor baço da terra
 Que é Portugal a entristecer
 Brilho sem luz e sem arder,
 Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
 Ninguém conhece que alma tem,
 Nem o que é mal nem o que é bem.
 (que ânsia distante perto chora?)

Tudo é incerto e derradeiro.
 Tudo é disperso, nada é inteiro
 Ó Portugal, hoje és nevoeiro...
 (PESSOA, 1934, p.96)

O poema apresenta a situação do governo com a falta de um líder político para conduzir o país a um porto seguro, os declínios governamentais que, por anos, foram enfrentados. Os portugueses encontravam-se desesperados com um Portugal incerto, distante dos princípios éticos e morais. Porém, essa nebulosidade que o poema menciona é o traço de esperança, de ir à luta, de se reerguer, a melancolia e o choro representam todo um aguardar fielmente da ressurreição de uma nova pátria. A sociedade portuguesa clamava pela volta do rei. Sem um rei, faltava uma identidade para Portugal.

No poema intitulado *O Quinto império*, o autor apresenta um sujeito poético que se encontra sem sonhos e perspectivas, acomodado:

O QUINTO IMPÉRIO

Triste de quem vive em casa,
 Contente com o seu lar,
 Sem que um sonho, no erguer de asa,
 Faça até mais rubra a brasa
 Da lareira a abandonar!
 Triste de quem é feliz!
 Vive porque a vida dura.

Nada na alma lhe diz
 Mais que a lição da raiz —
 Ter por vida a sepultura.
 Eras sobre eras se somem
 No tempo que em eras vem.
 Ser descontente é ser homem.

Que as forças cegas se domem
 Pela visão que a alma tem!
 E assim, passados os quatro

Tempos do ser que sonhou.

Grécia, Roma, Cristandade,
Europa — os quatro se vão
Para onde vai toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?
(PESSOA, 1934, p.76)

Na primeira parte do poema, evidencia-se a vivência humana e a importância do sonho. A seguir, o sonho é o modo de ultrapassar a comum dimensão humana, sendo a única forma de chegar a grandes feitos, fazendo referência aos quatro impérios antigo e o início do novo quinto império, promovendo uma reflexão sobre toda a passagem do tempo. As nossas forças se encontraram na persistência daquilo que acreditamos, persistir e acreditar que dará certo, sem a procura constante da busca não se há valores transcendentais de espírito.

Na obra *O Primo Basílio*, do autor Eça de Queirós (1978), é apresentado uma traição amorosa entre Luísa e seu primo, Basílio, nas escondidas de seu marido Jorge. Ela sofre ameaças de sua empregada, após descobrir o conflito amoroso, mas surge a esperança na figura de Sebastião, amigo de Luísa, para apaziguar a situação. Em alguns trechos notam-se traços do cristianismo na vida dos personagens, envolvendo o messianismo e sebastianismo, conforme observamos no trecho abaixo:

Sebastião dormia os seus sonos de sete horas, sem sonhos, numa velha barra de pau preto torneado; e numa saleta escura, sobre uma cômoda de fecharias de metal amarelo, conservava-se, havia anos, o padroeiro da casa, São Sebastião — que se torcia, cravado de setas, nas cordas que o atavam ao tronco, à luz de uma lâmpada, muito cuidada pela tia Joana, sob os ruídos sutis dos ratos pelo forro. A casa condizia com o dono. Sebastião tinha um gênio antiquado. Era solitário e acanhado. Já no Latim lhe chamavam o "Peludo"; punham-lhe rabos, roubavam-lhe impudentemente as merendas. Sebastião, que tinha a força de um ginasta, oferecia a resignação de um mártir. (QUEIRÓS, 1978, p.80)

É possível notar nas acomodações do povo português e nas descrições da residência que, mesmo em meio as pequenas condições econômicas, o forte cristianismo do povo português sempre se fez presente a devoção aos profetas, reis ou santos, traço característico do messianismo, que busca em um pregador a salvação divina.

Neste outro trecho, nota-se uma certa devoção da personagem Luíza por seu amado amante:

As qualidades de Basílio apareciam-lhe então magníficas e abundantes como os atributos de um deus. E estava apaixonado por ela! E queria vir viver junto dela! O amor daquele homem, que tinha esgotado tantas sensações, abandonado decerto tantas mulheres, parecia-lhe como a afirmação gloriosa da sua beleza e a irresistibilidade da sua sedução. A alegria que lhe dava aquele culto trazia-lhe o receio de o perder. (QUEIRÓS, 1978, p.111)

Traços de veneração são apresentados, tornando-se uma adoração, quando o assemelha a um Deus e o reverencia, cheio de glória, mostra-se ser uma devota desse amor, entregando-se totalmente a essa submissão e a esse misticismo de amor.

A personagem Luíza tem um sonho durante a noite, que apresenta um regresso dela ao passado, mostrando um possível Rei, supostamente Dom Sebastião, como descreve o trecho abaixo:

Luíza adormeceu tarde, e durante toda a noite um sonho inquieto agitou-a. Estava num teatro imenso, dourado como uma igreja. Era uma gala: joias faiscavam sobre seios mimosos, condecorações reluziam sobre fardas palacianas. Na tribuna, um rei triste e moço, imóvel numa atitude rígida e hierática, sustentava na mão a esfera armilar, e o seu manto de veludo escuro, constelado de pedrarias como um firmamento, espalhava-se em redor em pregas de escultura, fazendo tropeçar a multidão dos cortesãos vestidos como valetes de paus. Ela estava no palco; era atriz; debutava no drama de Ernestinho; e toda nervosa via diante de si na vasta plateia sussurrante, fileiras de olhos negros e acesos, cravados nela com furor; no meio a calva do Conselheiro, de uma redondeza nevada e nobre, sobressaia, rodeada como uma flor de um vôo amoroso de abelhas. No palco oscilava a vasta decoração de uma floresta; ela notava sobretudo, à esquerda, um carvalho secular, de uma arrogância heroica — cujo tronco tinha vaga configuração de uma fisionomia, e se parecia com Sebastião. (QUEIRÓS, 1978, p.213)

Conforme a descrição do sonho, o local é caracterizado como um possível teatro ou igreja, por ter a cor do dourado, que seria o ouro representado em detalhes arquitetônicos nas igrejas e palácios, a plateia sendo retratada como a pátria portuguesa, aguardando Dom Sebastião, que se encontrava na tribuna, local em que se falam os pregadores dentro dos tempos religiosos. O rei encontra-se triste, mas com toda sua jovialidade, segurando em mãos, a esfera armilar, a qual consiste na representação esférica do universo, funcionando como uma forma de bússola. E os trajes do rei, o seu manto escuro, simbolizando o poder de afirmação do país.

A representação do valete de paus, que estava nas roupas dos cortesãos, na simbologia do Tarot significa: “as boas notícias em que estão por vir”. A carta mostra um jovem, no meio do deserto, que se encontra olhando para o céu, na direção do divino, assim como os cortesãos que estariam na espera das boas notícias do rei, Dom Sebastião. Já a representação do carvalho branco, simboliza a longevidade daquela árvore, que passara com suas raízes fortes por diversos séculos, assim como o povo português, à espera do retorno do seu rei.

O Messianismo sempre esteve presente na figura de Sebastião, caracterizando-o como um homem de caráter, conforme veremos a seguir:

[...] perdera agora toda a esperança de se libertar! Às vezes ainda lhe vinha, como um relâmpago, a vontade de contar tudo a Sebastião, tudo. Mas quando a via, com o seu olhar honesto, abraçar Jorge, rirem ambos, e irem fumar o seu cachimbo, e ele tão cheio sempre de admiração por ela, parecia-lhe mais fácil sair para a rua pedir dinheiro ao primeiro homem que encontrasse — que ir a Sebastião, ao íntimo de Jorge, ao melhor amigo da casa, dizer-lhe: "Escrevi uma carta a um homem, a criada roubou-me!" Não, antes morrer naquela agonia de todos os dias, e ter ela mesma, de rastos, de lavar as escadas (QUEIRÓS, 1978, p.225)

Os traços do messianismo encontram-se evidenciados na personagem de Sebastião, como um homem de boa índole e decente, que seria o Messias que viria restaurar a ordem dos valores morais, desempenhando um papel fundamental na salvação do indivíduo. Sua ação se confronta com a transformação definitiva do estado das coisas.

Em outra passagem, Luíza vê em Sebastião toda sua generosidade e compaixão, não julgando seu caráter, mas estendendo-lhe a mão, colocando todas as esperanças e angústias.

Por meio das suas ações poderosas, ela seria liberta daquela angústia,

[...] Luísa olhava-o quase com ternura: parecia-lhe ver, na sua face honesta, uma alta beleza moral. E de pé diante dele, com uma melancolia na voz: — E vai fazer isso por mim, Sebastião, por mim, que fui tão má mulher... Sebastião corou, respondeu encolhendo os ombros: — Não há más mulheres, ruins, minha rica senhora, há maus homens, é o que há! (QUEIRÓS, 1978, p.269)

Na espiritualidade, o sentimento é um dos pontos fortes de força e sutileza, apresentam o que existe em meio aos espíritos, aludindo ao baixo teor religioso que se encontrava as pessoas da época, lançando uma crítica ao governo aristocrático,

o qual passava por um momento de crise espiritual e governamental, conforme veremos abaixo:

[...]. Os olhos de Luísa encheram-se então de melancolia, com a saudosa balada do rei de Tule; aquela melodia dava-lhe a vaga sensação de um pálido país de amores espirituais, banhado de luas frias, longe, no Norte, junto a um mar gemente — ou de tristezas aristocráticas, cismadas num terraço, sob a sombra de um parque. (QUEIRÓS, 1978, p.276)

Portanto, a obra *O primo Basílio*, retrata alguns traços do messianismo em algumas personagens, em especial na figura de Sebastião, que se apresentava como um homem de caráter, restaurando a fé que existia nas pessoas e trazia esperanças, como um salvador da pátria, através das suas boas ações, tirando o sofrimento e as aflições existente. Além disso, a obra faz uma crítica aos comportamentos da burguesia no século XIX, apontando as desigualdades sociais e os contra valores que se difundiam.

3 A PRESENÇA DO SEBASTIANISMO EM O CAVAQUINHO, DE MIGUEL TORGA

O presente capítulo tem como objetivo analisar o conto *O cavaquinho*, inserido na obra *Contos da Montanha*, do autor Miguel Torga, que expõe uma obra ampla e repleta de simbologia religiosa e inclui toda uma cultura do campo, no qual interliga suas vivências à sua região, norte de Portugal, apresentando os sinais da religião e do sebastianismo no conto.

O conto *O cavaquinho* se passa no mês de dezembro, no período do natal, quando o personagem chamado Ronda, promete ao seu filho Júlio um presente de natal por seu ótimo desempenho escolar. Seu pai era o homem mais vulnerável socioeconomicamente na sua comunidade, conhecida como Vilela. Júlio, apesar de ser criança, tinha dez anos de idade, já tinha em mente a miséria em que vivia. Seu pai não tinha dinheiro nem para os suprimentos alimentícios, quem dirá para um presente. O alimento da família era sempre a base de caldo de couves e sua ceia seria as castanhas cozidas, fato que evidencia a difícil condição da sua família. Mas, suas esperanças e expectativas ainda existiam e o garoto Júlio estava sempre indagando seu pai a respeito do que ganharia.

Às vésperas do natal, no dia 23, a criança pergunta ao pai, se ele iria até a outra vila e trazia o prometido presente de natal, o pai prontamente afirmou que sim, e saiu de casa bem cedo até feira, enquanto Júlio ainda dormia. Mas, ao decorrer do dia, um grande nevoeiro e chuvas fortes chegam até a comunidade e castiga a casa de Júlio, acompanhado da sua mãe Maria, que se encontrava em meio as continuas orações, ambos aguardam o retorno de Ronda.

Em meio a chuva torrencial, alguém surge a bater à porta. Por alguns instantes se acalmam, almejando ser o Ronda, mas quem estava à porta da casa era o tio Adriano, que portava uma lamentável notícia: Ronda havia sido esfaqueado e acabou morrendo, com um cavaquinho ao seu lado para presentear seu filho.

3.1 Um presente de Natal

A religiosidade faz-se presente no conto retromencionado a partir das constantes orações da mãe, que buscava seu refúgio na fé e devoção a Deus e na expectativa do filho Júlio em aguardar seu presente de natal.

Conforme Silva (2013, p.04), ao utilizar os postulados teóricos de Fornazari e Ferreira (2010), explica que

[...]a religiosidade contribui com a convicção de que existe uma dimensão maior, responsável pelo controle sobre as contingências presentes na vida, capacitando o indivíduo a lidar com os acontecimentos de forma mais tranquila, confiante e reduzindo o estresse e a ansiedade.

Nesse sentido, era por meio das orações que a mãe de Júlio tanto clamava, a fim de diminuir suas angustias e livrar a família de todos os acontecimentos ruins que os assolavam. O garoto Júlio estava sempre a indagar o seu pai Ronda, acerca do que seria esse tal presente, o menino estava ansioso e a sua mãe procurava o acalantar com suas orações, o acalmando. Conforme notamos no trecho a seguir:

[...]E o que é que vai dar? - Isso agora... - O que é? O que é?! Foi preciso a mãe arrumar o assunto com as rezas e a cama. - Infinitas graças vos sejam dadas, meu Deus e meu Senhor.... As palavras saíam-lhe da boca límpidas, quentes, solenes. E o pequeno, que já ouvira aquela lengalenga milhentas vezes, sempre a cair de sono, pôs-se, muito espevitado, a tentar compreender o sentido íntimo de cada invocação. - Santo André Avelino nos livre de morte repentina... Pai e filho respondiam à uma: - Padre-nosso, que estais no céu. (TORGA, 1941, p.25).

São pontuadas, nas palavras da mãe, inúmeras rezas, clamando toda proteção e cuidado para a família, conforme vemos nesta passagem: “os livrasse de mortes repentinas”, expõe fortes evidências da religiosidade, ao evocar santos, apresentando sua extensa devoção, sempre a rezar por suas aflições, pelos alimentos e tentações. Desse modo, compreende-se que a religião é como uma edificação social, em que é indispensável a subsistência do homem, que, por sua vez, desenvolve para sua vida com o intuito de legitimar a religião do campo doutrinário.

A grande fé é uma forma de amenizar o sofrimento e as incertezas da vida. Em meio a uma forte crença, vista na mãe de Júlio, através das orações, ela tenta buscar uma salvação da morte, da miséria, em que se constituem as aflições e perturbações existentes na aldeia e na família. Nesse sentido, a religiosidade é uma partidária das ações sociais, em destaque ao desempenho da situação humana. Em uma sociedade em que há o manuseamento repressor do governo para a população, especificamente no campo governamental, a religiosidade manifesta-se como um meio de escape, vista como forma de liberdade de expressão.

Conforme notamos na narrativa torguiana:

São Bartolomeu nos livre das tentações do demónio, dos maus vizinhos à porta, das más horas... - Padre-nosso, contudo, a atenção do garoto não tardou a cansar-se. No terceiro mistério a sua voz cambaleava. E na Salve-Rainha, abóbada do solene ritual, parecia que levava com uma moca na cabeça. Ia já a tombar na preguiceira, quando o amém definitivo o fez voltar à vida. Escorou então as pálpebras com toda a força que pôde, e lá conseguiu fitar o pai numa derradeira pergunta: - Certo, certo, que traz? A mãe é que lhe não deixou arrancar a última confirmação desejada. Pegou-lhe no braço adormecido, ergueu-o, quase que o arrastou até ao quarto, e daí a nada o Júlio caía num sono fundo, toldado apenas pela incerteza em que adormecera. (TORGA,1941, p.25)

É possível notar o desamparo e a miséria que passava o garoto Júlio, já sabendo das fracas condições de sua família; mas a esperança o consagrava com a completude de receber um presente, fato que o tornaria realizado como criança, vislumbrando uma abundância e aconchego, uma idealização do utópico; seria uma alternativa de suportar a indigência em que se encontrava a situação familiar.

A espera por seu presente era incansável, fazendo-o aguardar durante toda a tarde, observando aquele ambiente, aquela terra embaixo da Silverinha, o quanto

era escassa, e dificuldades maiores ainda, mas o amor de seus pais e a religiosidade eram o combustível para eles tentarem contornar tamanha adversidade que estava por vir. O menino Júlio passara a tarde toda questionando-se sobre o que seria o tão aguardado presente, como podemos ler no trecho seguinte:

Quando a noite veio caindo dos lados de S. Cibrão, cansado de guardar o caminho velho por onde desde que o mundo é mundo se regressa da Vila, pediu à mãe que o deixasse ir esperar o pai. Só até à Castanheira... se não via a névoa a cobrir tudo! Se não ouvira as Trindades! Tivesse juizinho. Olhou a mãe mais demoradamente. Tão sua amiga, tão boa, e não ser capaz de entender! Resignou-se. Ficaria ali até o pai apontar ao fundo da Silveirinha. E logo que o descortinasse, ó pernas! Mas que seria a prenda? Que seria? (TORGA,1941, p.25)

Desse modo, foi por meio das esperanças do filho e das constantes rezas da mãe que notamos o momento das evocações de santos, a presença da grande fé, interligando o humano ao mundo espiritual, como uma forma de cura para algum mal existente. A religiosidade é um sentimento que, através das orações, busca no crê algo transcendental que está acima do nosso plano, algo muito mais complexo que, ao dialogar com divindades, é vivenciado um estado de paz, mesmo em meio a todos os empecilhos e adversidades cotidianas que são impostas.

3.2 A presença da religiosidade cristã em *O cavaquinho*

O cristianismo sempre esteve enraizado na doutrina dos portugueses, fazendo-se presente desde o início das expedições marítimas, nas quais os europeus foram percussores na disseminação da fé católica em vários continentes.

Segundo Iglesias (1971, p.278)

A força dos cristãos velhos ou novos, que se espalharam pela península, com suas fantasias sublimadoras do clima tenso em que viviam, é exercida sobre os homens simples, aberto a ficções. É o anúncio do Encoberto, esperanças de um futuro melhor pelo surgimento de algum salvador, que pode ser Dom Sebastião, ou outros em encarnações diferentes.

Nesse sentido, os adeptos ao Cristianismo creem na existência de um Deus formador do universo, um Messias, conhecido como elemento central da religião. O universo católico faz-se existente no mundo torguiano para guiar o imaginário português. Em *O cavaquinho*, é evidenciado o sagrado em toda a narrativa, pois

mostra elementos religiosos, como as contínuas orações da mãe de Júlio, como observamos na passagem:

Infinitas graças voz sejam dadas, meu Deus e meu Senhor [...] Santo André Avelino nos livre de morte repentina[...] Padre-nosso, que estais no céu. [...] São Bartolomeu nos livre das tentações do demónio, dos maus vizinhos à porta, das más horas. (1941. p.26-27)

Toda espera e expectativa que o filho deposita no presente, exatamente nas vésperas do natal, no dia 23, simboliza as vésperas do nascimento de Jesus, o nascimento do Messias, que iria glorificar todas as angústias do seu povo, assim como o herói Ronda, que iria restituir as angústias da miséria em que vivia, que deu sua vida para suprir toda a expectativa na prenda de natal. Mesmo que a força cristã no início de sua criação tenha passada por inúmeras perseguições através da intolerância e por meio da cobiça, cuidar dos pobres, dos carentes e doentes, sempre foram características marcantes do cristianismo

O cristianismo procura evidenciar o conceito de revelação e assistência especial de Deus, em vista da imperfeição do mundo e da vida humana. Destarte, essa é a origem do mito da criação da humanidade, pautado no desenvolvimento providencial de Deus. Desse modo, as evidências do cristianismo sempre se fizeram presente em alguns contos e poesias de Miguel Torga.

Consoante Silva (2013, p.106)

[...] apontamos, na contista torquiana, como o esvaziamento do sagrado para o engrandecimento do homem nos parece a manifestação de uma característica própria de Torga, mas que não deve ser desvinculada das influências do período histórico em que o autor viveu. Como homem do Ocidente, criado numa nação cristã – especificamente, católica –, a literatura deste escritor português se evidencia com uma ampla projeção, semelhante à própria religião que o influenciou.

Nesse sentido, Torga procura exaltar o sagrado, porém evidenciando mais o homem transmontano, uma particularidade do autor, mas que não dispensa a intervenção do período histórico que o autor viveu, como figura do ocidente, que vivenciou as doutrinas cristãs no catolicismo, evidenciando sua literatura em uma abundante projeção.

3.3 O Sebastianismo em *O cavaquinho*

No conto *O cavaquinho* é evidenciado o mito do sebastianismo a partir das marcas da religiosidade. Para tanto, faz-se necessário conceituar o que é mito.

Segundo Eliade (1972, p.09),

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.

Nesse sentido, Dom Sebastião torna-se um mito que perdura, intrinsecamente, na arte lusitana. Portugal sempre disseminou, no imaginário popular, a volta do rei para a restauração monárquica da época. Ao longo do conto, o narrador expõe evidências que apresentam os sinais do sebastianismo e messianismo por todo o enredo, podendo ser notado já no início do conto. A história se passa em um povoado no interior rural de Portugal e retrata seus comportamentos e vivências do cotidiano, povo de uma fé inabalável que seguem seus caminhos de lutas e glórias.

A presença do sebastianismo encontra-se na manifestação de fé e esperança, no crer fielmente na vinda de um salvador da pátria, um redentor, um Messias.

Ao descrever a cena do temporal que chegara, vemos que um nevoeiro toma todo o lugar,

O nevoeiro, que quando a mãe falou cobria apenas o monte de S. Romão, descera agora espesso e molhado sobre o povo. E com ele viera também a noite. Da Porta já se não enxergava nada. Além de que a chuva, o vento e o frio, que se juntaram naquela hora, enregelavam tudo. A tremelicar, foi-se chegando à lareira. - O pai demora-se. - Não que ir à Vila e voltar tem que se lhe diga... via-se bem que também ela estava inquieta. Seria que, como ele, esperasse por uma prenda? Cerrou-se a escuridão. O aguaceiro agora cala a cântaros. Pelas frinchas da casa o vento ia dando punhaladas

traíçoeras. - Valha-me Deus! O lamento da mãe acabou de encher a cozinha, já meia testa de fumo. - Que noite! E aquele homem por lá! Olhou-a com os olhos vermelhos da fogueira de lenha verde. (TORGA,1941, p.27)

O nevoeiro representa uma possível cegueira e bloqueio da capacidade de ver nitidamente as direções para prosseguir. Em comparação com o mito sebástico, esse “nevoeiro” representa a espera do povo português por Dom Sebastião. Com sua partida em busca de progresso para sua pátria, deixa seus fiéis desamparados. O mesmo ocorre com o patriarca da família, pois ao sair para encontrar o presente para seu filho, o pai deixa a família só, desamparada, em meio a um temporal avassalador.

Júlio já se encontrava sem esperança: “de súbito, à ideia da prenda, que o, alegre, o acompanhara todo o dia, juntou-se lhe uma outra, triste, imprecisa, que lhe meteu medo” (1941, p.27). A angustia já se fazia presente, o cenário de escuridão e uma forte chuva, deixava tudo mais fúnebre:

[...]Vais cear e dormir... Embora obrigado, nem o caldo lhe passou pela garganta, nem o sono, na cama, lhe fechava os olhos. No escuro ouvia a mãe chorar, suspirar, e as bâtegas grossas e pesadas a martelar o telhado. De repente sentiu passos no quinteiro. Até que enfim! Era o pai! O que seria a prenda? A pessoa que vinha bateu de leve e chamou baixo: - Maria... - Quem é? - perguntou a mãe. - Sou eu, o Adriano... O coração deu-lhe um baque. Então o tio Adriano voltava sozinho?! Pôs-se a ouvir, como um bicho aflito... (TORGA,1941, p.27)

A tristeza da mãe era nítida. Quando o tio Adriano chega com a notícia, a mãe do Júlio debruça-se em lágrimas.

O Sebastianismo é retratado na figura do herói Ronda, que deixa sua família órfã, após sua morte, assim como Dom Sebastião que deixou sua pátria órfã, no confronto com os Mouros.

Esse conto traz o conflito interior do ser humano. Ronda representava o salvador que iria atender e restaurar todas expectativas de seu filho Júlio, que tanto lhe aguardava, o lirismo trágico do autor torguiano apresenta, em seu personagem principal, o garoto Júlio que vivenciou bem cedo tamanha dor de perder seu pai.

A trágica notícia da morte da figura de Ronda deixa grandes lacunas na vida daqueles que o aguardavam fielmente. O mistério envolvendo a demora da figura de Ronda e a esperança do filho, dão origem, portanto, ao sebastianismo no conto de Torga, além de evidenciar o amor paternal, um amor transcendental que dá sua vida

em troca da felicidade de seu filho, assim como o Messias, que viria salvar a humanidade em troca de sua própria vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa, discutiu-se acerca do mito sebástico presente no conto *O cavaquinho*, do autor Miguel Torga, além de apresentar esse mito em outras narrativas, como em *Os sertões*, de Euclides da Cunha, como também, em análises de poemas que contém referências a Dom Sebastião, objetivando entender o significado do sebastianismo e como ele se apresenta no presente trabalho.

A presença do sebastianismo é apresentada a partir do desaparecimento do Rei Dom Sebastião que desapareceu na batalha de Alcácer Quibir no Norte da África, aquele que retornaria para salvar o reino de Portugal, surgindo assim a propagação do mito sebástico, mito este, que permaneceu no imaginário popular dos cristãos portugueses, fato esclarecido através de diversas teorias de autores situados no Brasil e em Portugal, que aos poucos foram sanadas através de todo o aporte teórico. O objetivo geral da pesquisa foi apresentar o significado e a presença do sebastianismo. As evidências do sebastianismo foram verificadas no conto analisado, no qual notamos a presença da religiosidade, de um redentor da “pátria”, assim como D. Sebastião, representado pelo personagem Ronda, que restituiria toda a felicidade do seu filho através do seu retorno com um presente, assim como o povo português, que esperava Dom Sebastião para que a felicidade fosse imposta à pátria novamente.

Nesse sentido, a relevância desse estudo foi apresentar características que evidenciassem, no conto de Torga, a presença do mito sebástico, comprovando a religiosidade já descrita, as esperanças e a injustiças sociais da sociedade da época vigente. No que concerne a metodologia da monografia, os estudos foram voltados a hermenêutica, cujo objetivo caracteriza-se na interpretação e compreensão dos textos analisados, comprovando, assim, as marcas do sebastianismo. Já em relação aos objetivos, foram todos alcançados no nosso objeto de estudo e análise. No que diz respeito às motivações para a elaboração desse estudo, podemos afirmar que a apreciação por literatura portuguesa, desenvolvida durante as disciplinas cursadas na graduação e o interesse em contribuir com novos trabalhos acerca do tema em questão, e pôr fim a construção da fortuna crítica realizada no respectivo trabalho.

REFERÊNCIAS

- BESSELAAR, José Van Den. **O Sebastianismo História sumária**. Biblioteca Breve. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1.ed. Lisboa:1987. pp. 13-82. Acesso em 19 set.2021.
- COUTINHO, Afrânio. **Literatura no Brasil: Era modernista** - 7ª ed. 1997. Acesso em: 03. ago.2021.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A.,1985.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo, Editora Perspectiva. 1972.
- ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**. 1988. Lisboa, Edições 70.
- IGLÉSIAS, Francisco. **História e ideologia**. Edição especial. Editora: Perspectiva. São Paulo,1971.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana Sálvia. **O Que é Imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MOISÉS, M. **A Literatura portuguesa**. 31ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
- MOISÉS, M. **O conto português**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- OLIVEIRA, Martins. **História de Portugal**. Lisboa: Guimarães e C. Editores, 1977.
- PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Lisboa: Ática, 10ª ed. 1972. Acesso em: 09.set.2021.
- QUEIROZ, Eça de. **O Primo Basílio**. In: Obra completa. V.3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar,1977. Disponível em:
<file:///C:/Users/Princesa/Desktop/o%20primo%20basilio,%20E%C3%A7a%20de%20Queiroz.pdf>. E-book. Acesso em: 27.set.2021.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução: Marcondes Cesar - Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- SILVA, Eduardo. **Escudo de Sombra, Sobre Os Lusíadas e D. Sebastião**. 2. ed., revista e aumentada, 2016. Acesso em: 28.set.2021.
- SILVA, Vagner. **O esvaziamento do sagrado em Miguel Torga**. 2013.Disponível em:
<http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/335/2/O%20esvaziamento%20do%20sagrado%20em%20Miguel%20Torga%20-%20Vagner%20Ferreira.pdf>. Acesso em:18 out. 2021.
- SOARES, Nilvete. **Espiritualidade e religião**.2014. Acesso em 15.out.2021.

TORGA, Miguel. **Contos da montanha**. Edições Vercial. Lisboa: Dom Quixote, 1940. Versão E-book disponível em:

<file:///C:/Users/Princesa/Desktop/Miguel%20Torga%20-%20Contos%20da%20montanha.pdf>. Acesso em: 01.out.2021.